

A PRODUÇÃO LITERÁRIA NA PERIFERIA – LIMITES E POSSIBILIDADES

Renata de Oliveira Batista Rodrigues (UFRJ)¹

Resumo: O presente trabalho discute a produção literária da periferia, priorizando os espaços, numa perspectiva de conquista de novos territórios literários. Uma considerável quantidade de narrativas possui como cenário, a periferia e, alguns escritores, também são oriundos dela. Pensar em produção literária de pessoas da periferia é entender que vozes silenciadas em outros momentos da trajetória literária e intelectual do nosso país estão hoje narrando suas próprias e também outras histórias.

Palavras-chave: Literatura Marginal; Periferia; Territorialidade

O presente artigo propõe a discussão da produção literária periférica, com ênfase nos espaços, numa perspectiva de avanços de fronteiras. Muitas narrativas possuem como cenário, a periferia. Os escritores, por sua vez, são também desse lugar. A criação literária de pessoas da periferia marca a tomada de posto da narração, rompendo com o silêncio imposto historicamente para uma determinada parcela da população.


Nessa nova configuração, já é perceptível que outros olhares podem falar do Brasil. Novos olhares, mais Brasis. Pensar o território num momento em que, vozes outrora silenciadas intelectualmente são ouvidas, é pensar na história dos vencedores e dos vencidos. Qual história é contada? Quem conta a história? Quem é o privilegiado? Será que de fato conhecemos a nossa história?

É possível que o conceito de territorialidade proporcione uma ampliação das questões, uma vez que trata da apropriação do território enquanto espaço geográfico de apropriação identitária. Remete também, ao sentimento de pertencimento a um lugar onde o cidadão sente-se familiarizado.

A nova geração da literatura marginal² promoveu o protagonismo das pessoas antes silenciadas por sua condição de marginalidade social e, neste momento, conseguem, em relatos muito peculiares a quem experimentou determinadas situações bem de perto, produzir mais uma imagem de Brasil.

¹ Graduada em Letras (UERJ), Mestra em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas (UERJ) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas – Literatura Brasileira (UFRJ). Contato: renataobrodrigues@yahoo.com.br/renataobrodrigues@gmail.com

² A nova geração da literatura marginal agrupa autores que surgiram na periferia paulistana a partir do final da década de 90.



A periferia, atualmente, tem sua produção exposta. O fato de a periferia produzir literatura, melhor, o fato da criação literária da periferia ter conquistado maior visibilidade na contemporaneidade, produz efeitos que reverberam no universo literário, especialmente o brasileiro.


Na verdade, a visibilidade literária da periferia é um movimento humano característico do mundo contemporâneo. Pensar a produção literária da nova geração da literatura marginal traz reflexões sobre os conceitos de território, territorialidade, periferia, marginalidade, entre outros. Contudo, é possível que o conceito de território traga mais controvérsias, seja especialmente por em alguns momentos, o foco maior ser o próprio território em vez do uso que se faz dele.

Faz-se necessária a retomada do conceito de territorialidade que, dizendo em poucas palavras, dá conta do uso que se faz do território, que é o que interessa para um estudo literário, as relações e subjetividades que são produzidas nele. Entretanto, antes que as reflexões sobre territorialidade tenham início, algumas considerações sobre o conceito de literatura marginal e expressões de marginalidade na literatura serão tecidas.

Associar a literatura ao termo “marginal” produz muitos efeitos, dependendo do ponto de vista do escritor, dos estudiosos, da imprensa e até mesmo dos leitores. Segundo Nascimento (2006), há três significados possíveis para marginalidade na literatura. O primeiro deles estaria relacionado aos meios de produção e distribuição. As obras da literatura marginal estariam disponíveis em meios alternativos ao sistema editorial vigente; o segundo seria referente a uma escrita que recusaria linguagem, normas e valores literários instituídos; e, por fim, o terceiro significado estaria ligado à condição social do escritor:

É importante considerar, diante dessas diferentes abordagens, que literatura marginal se tornou uma rubrica ampla que abrange a inserção dos escritores no mercado editorial, as características dos produtos literários, um tipo de atuação literário-cultural, ou, ainda, a condição social do escritor. Entende-se, então, que por forjar diferentes manifestações, literatura marginal conformou-se numa categoria analítica que pode ser ajustada em estudos de biografias isoladas ou de grupos de escritores cujas trajetórias literárias estão organizadas em torno da expressão (NASCIMENTO, 2006, p. 12).

Pensando a literatura marginal, especialmente nos escritos da nova geração, dos três significados relatados como pertinentes para essa literatura, o relacionado à condição social do escritor, é o que possivelmente produz mais elos com as questões de




território e territorialidade. Produz elos, pois um dos traços que marcam a escrita da nova geração da literatura marginal, é a partilha de experiências por sujeitos que não costumavam habitar a cena literária brasileira. Essa partilha, por sua vez, traz afetos que em outros momentos não seriam considerados. E esses escritores, também, possuem seus modos de partilhar. Tanto os novos afetos, quanto os novos modos de partilhar e, também, essas novas pessoas que partilham, trazem as experiências de lugares.

A produção de localidades está inserida no contexto da territorialidade e é comum nas narrativas periféricas. Através da produção de localidades são criados os próprios contextos de alteridade, envolvendo as subjetividades do local e evocando a memória.

O trabalho de produzir localidades – no sentido de que localidades são mundos da vida constituídos por associações relativamente estáveis, histórias relativamente conhecidas e compartilhadas e espaços e lugares reconhecíveis e coletivamente ocupados – entra frequentemente em conflito com os projetos do Estado-nação. Em parte porque os compromissos e conexões que caracterizam a subjetividade local (por vezes erroneamente caracterizada como “primordial”) fazem mais pressão, são mais contínuos e por vezes promovem maior dispersão do que o Estado-nação suporta. Também porque a memória e as ligações que os sujeitos locais mantêm com a sua vizinhança e nomes das ruas, seus caminhos e cenários urbanos preferidos, momentos e lugares para a congregação e divertimento estão sempre em conflito com as necessidades do Estado-nação de regular a vida pública. Mas ainda, é da natureza da vida local desenvolver – em parte, pelo menos, por contraste com outras localidades – seus próprios contextos de alteridade (espacial, social e técnica), os quais possam não se adequar às necessidades de padronização social e espacial, pré-requisito para o cidadão-sujeito moderno. (APPADURAI, 1997, p. 33)

Na produção de localidades, as relações são representadas em situações bastante singulares, por este motivo, remontam aspectos da heterogeneidade perdidos numa proposta de crescente homogeneização de pessoas e de relações. Por isso, o conflito, pois a produção de localidades é a face da heterogeneidade, enquanto o projeto de Estado-nação, que insiste nas idéias de pertencimento a um grupo, com uma cultura, uma única língua, é a face do homogêneo. A idéia de Estado-nação é uma herança colonial, baseada na homogeneização dos sujeitos e em muitos momentos fundamenta as práticas em nome de um nacionalismo.

A abertura social do romance coloca a periferia em cena, especialmente através da criação literária da nova geração da literatura marginal. Como se dá pela escrita dos próprios sujeitos periféricos, ameaça a ordem e a ordenação da nação, pois transforma o




que estava estabelecido em inúmeros questionamentos, além de propor uma nova idéia de nacionalismo. Uma nação não precisa ser igual, mas se reconhecer em seus sujeitos, na diferença, nas múltiplas histórias contadas pelas mais variadas vozes. E isso é uma ameaça a qualquer proposta de homogeneizadora. Na verdade, o ato de questionar sempre se caracteriza uma ameaça se pensarmos na relação dual de vencedores e vencidos. Quem vence não questiona, o vencido, sim.

Apesar da propalada globalização homogeneizadora o que vemos, concomitantemente, é uma permanente reconstrução da heterogeneidade e da fragmentação via novas desigualdades e recriação da diferença em todos os cantos do planeta. Um certo retorno às singularidades e ao específico ficam evidentes em correntes como o pós-modernismo e o pós-estruturalismo, denominações que evocam a crise social e de paradigmas em que estamos mergulhados, o que exige um constante questionamento de nossas proposições conceituais. (HAESBAERT, 1999, p. 16)

Questionar proposições conceituais já estabelecidas pode ser uma das consequências da diversidade territorial contemporânea, que sugere a diferença e a não-padronização. E desta forma depõe contra a homogeneização. Na verdade, há uma tensão entre o global e o local. O local caminha na perspectiva de uma construção culturalmente significativa repleta de subjetividades, o que gera conflitos. O global, de tendências declaradamente universalizantes, não encontra caminhos para se estabelecer numa produção literária da periferia. A nação é algo imaginado. Uma parte da nação que sempre foi negada intelectualmente e culturalmente, que é a periferia, não seguiu uma padronização sugerida pela globalização, mas foi se desenhando nos caminhos possíveis, não criando uma nação paralela, mas se estabelecendo na nação na perspectiva da diversidade. Reafirmando as possibilidades das diferenças num mesmo território.

A diversidade territorial do mundo contemporâneo é resultado da imbricação entre duas grandes tendências ou lógicas sócio-espaciais, uma decorrente mais dos processos de diferenciação/singularização, outra dos processos de des-igualização, padronizadores (mas nem por isso homogeneizantes). [...] o local vinculado aos processos gerais de heterogeneização/ diferenciação (frente a um “global” de tendências homogeneizadoras e universalizantes); o local como instrumento de análise, escala geográfica de abordagem (envolvendo as relações sociais ligadas ao cotidiano e aos contatos face-a-face); o local como lugar (este geralmente entendido como um espaço culturalmente significativo, dotado de valor subjetivo). (HAESBAERT, 1999, p. 24 e 26)




É importante compreender que não somente a produção de localidades representa um movimento de resistência nos escritos da nova geração da literatura marginal. Falar em lugar, território, seja em suas dimensões locais ou globais, já é um símbolo de resistência a algo. O que se faz necessário é conhecer a realidade do lugar, que se descobre mediante ao(s) uso (s) do mesmo. E quando Santos (2005) fala em conhecer o lugar de dentro, é importante constatar que escritores da periferia podem falar sobre ela com o olhar de dentro. Pois se faz presente um território então fragmentado, heterogêneo, que trabalha na produção constante de novos localismos e novos nacionalismos.

[...] É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao furo. (SANTOS, 2005, p. 7)

Não se trata de uma luta entre bandidos e mocinhos. A literatura como um todo não é somente a grande e excludente, e com a nova geração da literatura marginal também não temos a redenção. Não se trata disso. É interessante pensar que as expressões de marginalidade na literatura trouxeram novos olhares e perspectivas de uma nação. Na verdade nem tão novos, mas antes de acesso a uma pequena parcela da população. A visibilidade foi ampliada.

Por enquanto, o lugar – não importa sua dimensão – é a sede dessa resistência da sociedade civil, mas nada impede que aprendamos as formas de estender essa resistência às escalas mais altas. Para isso, é indispensável insistir na necessidade de conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse seu aspecto fundamental que é o território (o território usado, o uso de território). Antes, é essencial rever a realidade de dentro, isto é, interrogar a sua própria constituição neste momento histórico. O discurso e a metáfora, isto é, a literaturização do conhecimento, pode vir depois, devem vir depois. (SANTOS, 2005, p. 11 e 12)

Enfim, nessas teias de relações, o que se pode apreender é que a representação de nação na criação literária da periferia, em função de vivências e experimentações, estará sempre em movimento. Os conceitos de territorialidade e produção de localidades estão de certa forma, muito próximos, pois ambos dão conta de uma estrutura de sentimentos,



de uma dimensão da vida em sociedade. Em certa medida, o local vai aparecendo como oposição ao global. Essa tendência do mundo contemporâneo de fazer emergir novas vozes trará sempre mobilidade ao conceito de nação.

Referências bibliográficas

APPADURAI, Arjun. *Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional*. Novos Estudos CEBRAP. n°49, 1997.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARFUCH, Leonor. *Antibiografias? Novas experiências nos limites*. In: SOUZA, Eneida Maria (Org.) *O Futuro do Presente. Arquivo, gênero e discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. p. 13-39.

FERREIRA, João-Francisco Coord. *Crítica Literária em nossos Dias e Literatura Marginal*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981.

GONZAGA, Sérgio. *Literatura Marginal*. In: FERREIRA, João-Francisco Coord. *Crítica Literária em nossos Dias e Literatura Marginal*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981.

HAESBAERT, Rogério. *Região, Diversidade Territorial e Globalização*. GEOgraphia. n°1, 1999

HOHLFELDT, Antonio. *Marginalidade e sua condição*. In: FERREIRA, João-Francisco. *Crítica Literária em nossos dias e Literatura marginal*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: Uma teoria do efeito estético*. Volume I. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAGUARIBE, Beatriz. *O choque do real: estética, mídia e cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.

NASCIMENTO, E. P. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. 203 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

_____. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

OLINTO, Heidrun Krieger. *Literatura/Cultura/Ficções Reais*. In: _____ & Karl Erik Schollhammer. *Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Loyola/ PUC-Rio, 2003, p. 72-86.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras/ Faperj, 2013.

PONGE, Robert. *Literatura Marginal: tentativa de definição e exemplos franceses*. In: FERREIRA, João-Francisco. *Crítica Literária em nossos dias e Literatura marginal*. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981.

SARAIVA, Arnaldo. *Literatura Marginal izada: Novos Ensaios*. Edições Árvore: Porto, 1980.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: Estática e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Milton. *O retorno do território*. In: OSAL: Observatório Social da América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.